



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Pablo Gomes de Miranda¹

Grímnismóðl, Os Ditos de Grímnir

Grímnismóðl, The Sayings of Grímnir

Resumo:

Tradução direta do nórdico antigo para o português do poema Éddico *Grímnismóðl*, Os Ditos de Grímnir, composto por volta do ano 1000 e com boa parte de seus versos conservados no manuscrito GKS 2365 4to, também conhecido como *Konungsbók* ou *Codex Regius*.

Palavras-Chave:

Edda Poética; Grímnir; Poesia Islandesa Medieval.

Abstract:

Direct translation from Old Norse to Portuguese of the Eddic Poem *Grímnismóðl*, The Sayings of Grímnir, composed around the year 1000 and with good portion of its verses in the GKS 2365 4to manuscript, also known as *Konungsbók* or *Codex Regius*.

Keywords:

Eddic Poetry; Grímnir; Medieval Icelandic Poetry.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Professor Substituto de História Antiga da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos – NEVE.

1. Introdução

O *Grímnismǫl* ou *Grímnismál* (Os Ditos de Grímnir) é um poema éddico² composto por volta do ano 1000 (Lerate, 2009: 18) e que contém 54 versos e duas seções em prosa: uma introdução e um colofão. De caráter principalmente didático, apenas os versos 1 a 3 e 51 a 53 estão diretamente articulados com a narrativa em prosa. É possível encontrar versos em *galdralag* (Métrica do Encantamento), entretanto a maior parte dos versos está em *ljóðabáttir* (Métrica da Canção)³. O poema em questão é um elemento de uma seleção poética anônima conservada, em boa parte, no manuscrito GKS 2365 4to (localizado no Instituto Islandês Stofnun Árna Magnússonar í íslenskum fræðum), também conhecido como *Konungsbók* ou *Codex Regius*, onde se encontra entre os poemas *Vafþrúðnismǫl* (Os Ditos de Vafþrúðnir) e o *Skírnismǫl* (Os Ditos de Skírnir).

Concomitante às estrofes do *Hávamǫl* (Os Ditos de Hár) e o *Vafþrúðnismǫl*, podemos distinguir a exposição da sabedoria do deus Óðinn: representado nas obras islandesas medievais sempre ligado aos temas da guerra e do conhecimento.

A sinopse é simples: os irmãos Geirrøðr e Agnarr, filhos do rei Hraudungr, saem para pescar e acabam por se perder. O barco onde se encontram é arrastado pela ventania até uma praia onde vagueiam, encontrando uma cabana ocasionalmente. Procurando por abrigo, os irmãos são acolhidos durante o inverno pelo casal de idosos que ali habitam e que são Óðinn e sua esposa Frigg disfarçados. Durante o inverno cada um escolhe um dos irmãos para cuidar. Com a chegada da

² A expressão do nórdico antigo *Edda* é de difícil tradução direta, já que ainda se discute seu real significado. Originalmente a expressão estava ligada a produção do islandês Snorri Sturluson, sendo esta conhecida como *Edda Sturlusonar*, *Edda* em Prosa ou *Edda* jovem, em contraposição ao conjunto de poemas mitológicos e heróicos do *Codex Regius* e outros manuscritos que é chamado hoje de *Edda Sæmundar* (erroneamente, já que é a suposta autoria de Sæmundr Sigfússon é amplamente rejeitada entre os pesquisadores), *Edda* poética ou *Edda* antiga. Uma tradução usual e aceitável é “bisavó”, mas que dificilmente explica seus usos como título em manuscritos antigos. É possível traçar um paralelo com as expressões *eddumál* ou *eddasaga*, ditos ou falas da bisavó, respectivamente, revelando assim o caráter antigo dessas obras. Pode ser, ainda, que a palavra derive de Oddi, um importante centro cultural no sul da Islândia frequentado por Snorri Sturluson. Por último, há a possibilidade de o termo representar um momento de ligação da erudição latina com a cultura vernacular islandesa, sendo uma ressignificação do verbo *edo*, declaro.

³ Em *ljóðabáttir* os dois primeiros meio-versos (estrutura comum a poesia aliterativa) são aliterados, seguidos por um verso completo sem uma cesura (recurso métrico que separa os versos, usual em versos aliterativos) e contendo duas ou três sílabas tônicas que são normalmente acompanhadas por uma sílaba tônica secundária. Os versos em *galdralag* adicionam um quarto segmento estrutural onde o verso completo, após os dois meio-versos iniciais, é seguido por outro verso completo com aliterações independentes entre si. A estrofe 46 é um exemplo de *galdralag* e a estrofe 47 está em *ljóðabáttir*. Alguns editores modernos modificam a estrutura de alguns versos para que fiquem de acordo com a métrica chamada *fornyrðislag* (Lindow, 2001: 150) que normalmente consiste em estrofes de quatro versos, unidos por aliterações.

primavera um barco é entregue a eles para que possam voltar para casa. Ao aportar descobrem que seu pai morreu, sendo Geirrøðr apontado como o novo rei.

Óðinn e Frigg acompanham os acontecimentos do mundo sentados em Hliðskjálf, e procuram por notícias dos irmãos: Agnarr, protegido de Frigg, habita uma caverna e se relaciona com uma gigante, enquanto Geirrøðr, apadrinhado por Óðinn, revela-se um rei que habita com dignidade entre seus súditos. Quando a deusa expressa sua dúvida acerca da hospitalidade do rei, fica estabelecido um desafio entre ambos. Frigg envia uma criada para a corte de Geirrøðr com a mensagem de que ele deveria tomar cuidado com um feiticeiro que estaria se aproximando. O rei ordena o aprisionamento e a tortura do estranho feiticeiro que ali chegou, com a finalidade de obter respostas sobre sua procedência. O filho de Geirrøðr, de nome Agnarr (em homenagem ao seu tio), decide aliviar a dor do prisioneiro entregando-lhe algo para beber.

Após sorver sua bebida e lembrar que foi torturado por oito noites, e deixado à míngua, o feiticeiro de nome Grímnir começa a revelar segredos cosmológicos: enumeram-se diversas moradas dos deuses e suas respectivas características, além das qualidades de seus habitantes. Encontramos versos também sobre a natureza e as particularidades do Salão dos Mortos, o Valhøll, e o destino dos Einherjar, os mortos em batalha. Essas descrições nunca são lineares, a narrativa sempre revela algum detalhe sobre um personagem ou um local, há uma pausa onde se fala dos detalhes de outros elementos e retorna-se aos personagens anteriores. Segredos pontuais que são intercalados sempre com detalhes sobre elementos odínicos: descrições do salão dos mortos, o Valhøll, e dos animais que servem a Óðinn.

No fim, a verdadeira identidade de Grímnir começa a ser revelada; diversos de seus nomes são recitados nesse verso, tais como Grím, Gangleri, Herjan, Hjalmbéri, Þekk, Þriði, Þundr, Uðr, Herblindi e Hár. A lista segue evocando os diversos nomes de Grímnir. A revelação se dá quando Geirrøðr está bêbado por causa do hidromel, sendo admitido que se esqueceu dos segredos que lhes foi revelado. Grímnir prevê a morte por uma espada ensanguentada.

Encerrados os versos, a prosa retorna dando fim ao *Grímnismál*: o rei Geirrøðr finalmente sabendo que o feiticeiro era ninguém menos que o deus Óðinn, tenta usar sua espada para retirá-lo do fogo em que está sendo torturado. A espada, que não se encontrava firme na bainha, vai ao chão com a ponta para cima ao mesmo tempo em que o rei se desequilibra e cai sobre a arma, vindo a falecer, realizando plenamente a profecia.

Se valer a pena visitar um aspecto interpretativo, gostaríamos de apontar um dos temas centrais desse poema, só observado com algum conhecimento das outras narrativas éddicas, que é questão da supremacia de Óðinn sobre os outros sábios e governantes. Óðinn trava uma batalha de questões gnômicas com o sábio gigante

Vafþrúðnir (enquanto o anão Alvíss, na verdade duela com o deus Þórr), e ao perguntar quais as palavras ele tinha sussurrado no ouvido de Baldr, enquanto morto (algo que só ele sabia), o gigante se entrega declarando o seu oponente como mais sábio. Ainda que Geirrøðr não troque palavras com Óðinn, ele ainda morre no final, compartilhando do mesmo fim que Vafþrúðnir e Alvíss. “Em suma, aqui há uma disputa de sabedoria implícita, apesar do silêncio de Geirrøðr” (Lindow, 2005: 150). Contra Geirrøðr as circunstâncias são outras, pois ignora sua própria condição divina (recuperada quando mostra sua face aos Æsir, no decorrer do poema). Há um segundo duelo entre o deus Óðinn e a sua própria alienação, a superação da privação (sacrifício) pela aquisição do conhecimento.

Sobre a Tradução

Esta tradução teve como base a edição *De Gamle Eddadigte* do filólogo Finnur Jónson com texto em nórdico antigo, transcrição dos manuscritos GKS 2365 4to e AM 748I 4to (ambos localizados no instituto islandês Stofnun Árna Magnússonar í íslenskum fræðum⁴), com notas em dinamarquês. Foram sempre observados seus apontamentos nas duas edições do *Lexicon Poeticum*, onde o filólogo revisitou e ampliou o trabalho Sveinbjörn Egilsson. Utilizamos também uma edição online da *Eddukvæði* de Guðni Jónsson, com texto modernizado. Para auxiliar de modo enfático a nossa compreensão, foram consultadas as traduções ao Inglês de Benjamin Thorpe, Carolyne Larrington, Henry Adams Bellows e Lee M. Hollander, tivemos também a oportunidade de examinar a tradução de Luiz Lerate ao Espanhol, que ofereceu um *insight* especial por verter o texto original a um idioma Neo-Latino. Utilizamos os dicionários de islandês antigo Geir T. Zoëga e Cleasby e Vigfusson com a finalidade de esclarecer.

Contrariando algumas traduções consagradas, optamos por preservar os nomes próprios na língua original. Parte da nossa decisão de manter o texto conforme examinado no original, se deve ao fato de que há diferenças substanciais entre o nórdico antigo, o islandês moderno e os costumeiros anglicismos⁵. Que o leitor não se engane, nossa intenção não é a de trabalhar dentro de uma normatização da cultura escrita medieval. Há pouca formalidade nos textos dos manuscritos, pois os escribas uniram em sua escrita à educação que adquiriram no *scriptorium*, com suas próprias diferenças regionais, resultando em diferentes pronúncias e escritos, trabalho facilitado pelos linguístas e editores modernos.

⁴ Instituto Árni Magnússon de Estudos Islandeses.

⁵ Uma das explicações para a adoção de termos em islandês está na oportunidade de poder ouvir ou declamar essas obras com entonações naturais (diferentes padrões do tom de vozes) e em harmonia com uma língua moderna, experiência que é sem dúvida fascinante na experimentação da cultura islandesa (Barnes, 2008: 04).

Nossa finalidade foi apenas de operar em uma adequação que facilite futuras consultas ou discussões que compreenda essas variações ortográficas e fonológicas do nórdico antigo. Preferimos também deixar certos diacríticos que hoje já não são mais utilizados, mas que sinalizam uma variação fonética e ortográfica durante o período medieval (inclusive em torno do século XIII), a saber: “ǫ” e “ę”, além dos símbolos “æ” e “ø”, geralmente representados pelo “ö” na linguagem moderna, bem como “þ” (*þorn*) e “ð” (*eð*) ainda em uso corrente no islandês atual. O leitor que desejar se aprofundar no assunto irá encontrar profunda satisfação nos tratados antigos gramaticais, em especial o Primeiro Tratado Gramatical (*Fyrsta málfraðiritgerðin*) do *Codex Wormianus*, com traduções modernas disponíveis.

Tal decisão afeta a estética da nossa tradução que a um primeiro olhar também não parece ser da melhores. Frases simples, letras estranhas e sentenças repetidas estão espalhadas por várias estrofes, mas nossa ideia é de que ao modificarmos tais traços do poema, poderíamos estar lhe alienando de suas características básicas em favor de uma simplificação contraproducente, para além da qual já é natural ao próprio ato de traduzir.

Colocamos em notas as traduções dos nomes de espaços e personagens mais obscuros. São nossas interpretações baseadas nas consultas aos dicionários mitológicos e às traduções examinadas. Contudo, nem sempre os termos vertidos estavam de acordo com todas as traduções examinadas (já que em certos momentos nem elas mesmas concordavam entre si), selecionamos as que inicialmente condideramos mais adequadas e, ocasionalmente, colocamos em parêntesis outras traduções possíveis.

Frá sonum Hrauðungs konungs

Hrauðungr konungr átti tvá sonu; hét annarr Agnarr, en annarr Geirrøðr. Agnarr var tíu vetra, en Geirrøðr átta vetra. Þeir reru tveir á báti með dorgar sínar at smáfiski. Vindr rak þá á haf út. Í náttmyrkri brutu þeir við land ok gengu upp, fundu kotbónda einn. Þar váru þeir um vetrinn. Kerling fóstraði Agnar, en karl Geirrøð ok kendi hánum ráð. At vári fekk karl þeim skip. En er þau kerling leiddu þá til strandar, þá mælti karl einmæli við Geirrøð. Þeir fengu byr ok kómu til stöðva fǫður síns. Geirrøðr var fram í skipi. Hann hljóp upp á land en hratt út skipinu ok mælti: “farðu nú, þar er smyl hafi þik”. Skipit rak í haf út. En Geirrøðr gekk upp til bæjar. Hánum var þar vel fagnat, en faðir hans var þá andaðr. Var þá Geirrøðr til konungs tekinn ok varð maðr ágætr.

Óðinn ok Frigg sátu í Hliðskjálfu ok sá um heima alla. Óðinn mælti: “sér þú Agnar fóstra þinn, hvar hann elr börn við gýgi í hellinum, en Geirrøðr fóstri minn er

konungr ok sitr nú at landi”? Frigg segir: “hann er matníðingr sá, at hann kvelr gesti sína, ef hánnum þykkja of margir koma”. Óðinn segir, at þat er hin mesta lygi. Þau veðja um þetta mál. Frigg sendi eskismey sína Fullu til Geirrøðar. Hon bað konung varask, at eigi fyrgerði hánnum fjölkunnigr maðr, sá er þar var kominn í land, ok sagði þat mark á, at engi hundr var svá ólmr, at á hann mundi hlaupa. En þat var hinn mesti hégómi, at Geirrøðr konungr væri eigi matgóðr, ok þó lætr hann handtaka þann mann, er eigi vildu hundar á ráða. Sá var í feldi blám ok nefndisk Grímnir ok sagði ekki fleira frá sér, þótt hann væri at spurðr. Konungr lét hann pína til sagna ok setja milli elda tveggja, ok sat hann þar átta nætr. Geirrøðr konungr átti þáson tíu vetra gamlan, ok hét Agnarr eptir bróður hans. Agnarr gekk at Grímnir ok gaf hánnum horn fult at drekka ok sagði, at faðir hans gerði illa, er hann píndi þenna mann saklausan. Grímnir drakk af. Þá var eldrinn svá kominn, at feldrinn brann af Grímnir. Hann kvað:

Sobre os filhos do rei Hraudungr

O rei Hraudungr tinha dois filhos; um chamado Agnarr, o outro chamado Geirrøðr. Agnarr tinha dez invernos, enquanto Geirrøðr tinha oito invernos. Eles dois remaram em um barco com sua linha de pesca atrás de pequenos peixes. Quando o vento os lançou ao mar. Encalharam em terra e continuaram caminhando, encontrando uma cabana de lavradores. Ali eles permaneceram por um inverno. A velha adotou Agnarr, enquanto o velho adotou Geirrøðr e lhe deu instrução. Na primavera o velho concedeu um navio a eles. Foi quando os velhos os levaram até praia, que aquele idoso falou confidencialmente com Geirrøðr. Eles conseguiram vento e chegaram até o ancoradouro de seu pai. Geirrøðr ia à frente do navio. Ele saltou para a terra firme, empurrou o navio para fora e disse: “vais agora, para onde o maligno te tenha”. O navio saiu para o mar. E Geirrøðr caminhou até o assentamento. Ali ele foi recebido com grande regozijo, porém o pai dele havia morrido. Dessa maneira, Geirrøðr foi declarado rei e se tornou um homem famoso.

Óðinn e Frigg se sentaram em Hliðskjálf e observaram todos os mundos. Perguntou Óðinn: “vês tu Agnarr, teu protegido, ele que com uma gigante gera crianças em uma caverna, enquanto Geirrøðr, meu protegido, é rei e agora governa o reino?” Frigg respondeu: “ele é aquele avaro de comida, esfomeia ele seus convidados, se lhe parece vir muitos”. Óðinn retruca que essa é a maior das mentiras. Eles apostaram em cima dessa questão. Frigg enviou sua criada Fulla até Geirrøðr. Ela pediu que o rei se precavesse, pois ele foi enfeitado por um bruxo que já havia chegado ao reino e falou desse sinal: que nenhum cão ficaria agitado e nem deveria sobre ele avançar. Essa era a maior das difamações, que o rei Geirrøðr não era generoso com comida, e ainda assim ele prendeu aquele homem que os cães não queriam atacar. Ele vestia uma capa azul, se chamava Grímnir e não disse mais

Miranda, Pablo Gomes de.
Grímnismál, Os Ditos de Grímnir
www.revistarodadafortuna.com

nada de si, mesmo ele sendo questionado. O rei o deixou ser torturado até que falasse e o colocou entre duas fogueiras, ele sentou naquele lugar por oito noites. O rei Geirrøðr tinha um filho de dez anos de idade e que se chamava Agnarr por causa de seu irmão. Agnarr foi até Grímnir, deu a ele um chifre cheio para beber e disse que seu pai fez mal, que ele torturou um homem inocente. Grímnir bebeu daquilo. Então, o fogo tinha se aproximado tanto que chamuscou a capa de Grímnir. Ele disse:

1. Heitr est hripuðr ok heidr til mikill, göngumk firr funi; loði sviðnar, þótt á lopt berak; brinumk felldr fyrir.	1. Fogo, és quente e demasiado grande, fogo vai embora; minha capa de pele queima ainda que eu a levante para o ar; minha capa é queimada antes.
2. Átta nætr satk milli ęlda hér, svát mér mangi mat né bauð nema ęinn Agnarr, es einn skal ráða, Geirrøðar sonr, Gotna landi.	2. Oito noites me sentei aqui entre fogueiras, logo, para mim nenhuma comida foi oferecida à exceção de Agnarr, o único que deverá governar, o filho de Geirrøðr, a terra dos godos.
3. Heill skalt, Agnarr, alls heilan biðr þik Veratýr vesa; ęins drykkjar þú skalt aldrięi bętri gjöld geta.	3. Boa fortuna terás, Agnarr, toda a saúde que pedires é de Veratýr ⁶ para ti; por uma bebida tu jamais irás conseguir melhor pagamento.
4. Land 's heilagt, es liggja sék qsum ok qlfum nær; ęn í Þrúðheimi skal Þórr vesa unz of rjúfask regin.	4. Sagrada é a terra, a qual eu vejo ficam próximos os Æsir e os Elfos; mas em Þrúðheimr ⁷ deve Þórr ficar até que a ordem se despedace.
5. Ýdali heita, þars Ullr of hefr sér of gqrva sali; Alfheim Frey gqfu íárdaga tívar at tannféi.	5. Ýdalir ⁸ se chama, onde Ullr tem construído um salão para si; Álfheimr ⁹ a Freyr deram nos dias de outrora os deuses pelo presente do dente.

⁶ Týr dos Homens ou Senhor dos Homens, Óðinn.

⁷ Reino do Poder. O mesmo nome aparece no prólogo da *Edda Menor* como um reino chamado Thrákiá que é posteriormente nomeado Þrúðheimr por Þórr. Em *Gylfaginning* (Alucinação de Gylfi) e *Skáldskaparmál* (Ditos da Poesia), o lar de Þórr é Þrúðvangr.

⁸ Vale dos Teixos. A conexão do deus Ullr com o Teixo (*Taxus baccata*) nos tem levado a crer que ele é uma divindade ligada a caça e ao arco e flecha, tendo em vista que essa é uma árvore que fornece excelente material para a fabricação de arcos.

⁹ Reino dos Elfos. Aqui descrito como lar de Freyr dado em troca do primeiro dente (costume ainda presente na Islândia de dar presentes quando cai a primeira dentição de uma criança).

<p>6. Bær ‘s hinn þriði, es blíð rēgin silfri þokðu Sali; Valaskjölf heitir, es vélti sér óss í árdaga.</p>	<p>6¹⁰. É o terceiro assentamento, onde os gentis deuses de prateado cobriram o salão; Valaskjölf¹¹ é chamado, o qual pegou para si Áss nos dias de outrora.</p>
<p>7. Sökkvabekkr heitir (hinn fjórði), en þar svalar knegu unnir glymja yfir; þar þau Óðinn ok Sága drekka of alla daga glöð ór gollnum kerum.</p>	<p>7. Sökkvabekkr¹² é chamado o quarto, ali onde as gélicas ondas se chocam; ali eles, Óðinn e Sága, bebem todo dia com alegria em taças de ouro.</p>
<p>8. Glæðshéimr heitir (hinn fimti) þars hin gollbjarta Valhöll víð of þrumir; en þar Hroptr kýss hverjan dag vápndauða vera.</p>	<p>8. Glæðshéimr¹³ é chamado o quinto, onde o dourado radiante Valhöll¹⁴ se estende amplamente; lá onde Hroptr¹⁵ escolhe todo dia quem é morto por armas.</p>
<p>9. Mjök ‘s auðkēnt þeims til Óðins koma salkynni at séa, skoptum ‘s rann reþt, skjōdum ‘s salr þakiðr, brynjum of þekki stráat.</p>	<p>9. É fácil em demasia para aqueles que vêm a Óðinn encontrar o lar, das hastes de lanças são as vigas da moradia, de escudos é o teto do salão, cotas de malha esparramadas cobrindo assentos.</p>
<p>10. Mjök ‘s auðkēnt þeims til Óðins koma salkynni at séa, vargr hangir fyr vestan dyrr</p>	<p>10. É fácil em demasia para aqueles que vêm a Óðinn encontrar o lar, um lobo é amarrado em frente a porta oeste</p>

¹⁰ É possível que essa estrofe seja interpolada.

¹¹ Sede dos Mortos. Um dos lares dos deuses, coberto de prata e que não pertence a nenhum deus em particular, apesar da referência *Áss* denotar uma ligação com Óðinn, além de o nome em si trazer conexões com seu filho Váli.

¹² Quarto Submerso ou Quarto do Tesouro.

¹³ Reino Brilhante ou Reino Feliz. Lar de Óðinn onde fica o seu Valhöll.

¹⁴ Salão dos Mortos. Lugar para onde os mortos em batalha são levados pelas Valquírias e recebidos por Óðinn.

¹⁵ Um dos muitos nomes do deus Óðinn. Usualmente entendido como Orador, Mendicante ou Ocultador (porém todas as traduções são problemáticas).

ok drúpir ǫrn yfir.	e uma águia sobrevoa acima ¹⁶ .
11. Þrymheimr heitir (hinn sétti), es Þjazi bjó, sá hinn ámatki jǫtunn; en nú Skaði byggvir, skír brúðr goða, fornar toptir fǫður.	11. Þrymheimr ¹⁷ é chamado o sexto, onde Þjazi viveu, aquele terrível gigante; porém agora Skáði ocupa, a irradiante noiva dos deuses, o antigo lar de seu pai.
12. Breiðablik eru (hin sjaundu), en þar Baldr hefir sér of gǫrva salí, á því landi es liggja veitk fæsta feiknstafi.	12. Breiðablik ¹⁸ é o sétimo, ali onde Baldr tem um salão construído para si, nessa terra onde eu sei existir pouquíssima maldade.
13. Himinbjörg eru (hin ǫttu), en Heimdall þar kveða valda véum, þar vǫrðr goða drekkr í væru ranni gláðr hinn góða mjǫð.	13. Himinbjörg ¹⁹ é o oitavo, ali onde Heimdall dizem governa o santuário, ali o guardião dos deuses bebe no tranquilo salão alegremente o excelente hidromel.
14. Fólkvangr es (hinn níundi), en þar Freyja ræðr sessa kostum í sal; halfan val hón kýss hverjan dag, en halfan Óðinn á.	14. Fólkvangr ²⁰ é o nono, ali onde Freyja determina a ordem dos assentos no salão; metade dos mortos ela escolhe todo dia, porém a outra metade é de Óðinn.
15. Glitnir es (hinn tíundi),	15. Glitnir ²¹ é o décimo,

¹⁶ O Lobo e a Águia são relacionados a morte no mundo germânico e na qualidade de predadores podem ser compreendidos como símbolos odínicos.

¹⁷ Reino Barulhento. A história do casamento da gigante Skáði com o deus Njǫrðr é narrada no poema *Vǫluspá* (Profecia da Völva) e *Gylfaginning*, este verso em especial faz uma alusão a recompensa dada pelos deuses pela morte do pai da noiva, Skáði.

¹⁸ Vastidão Brilhante. Provavelmente o termo não é muito antigo, podendo ser contemporâneo ao poema.

¹⁹ Rocha do Céu, Montanha do Céu, talvez no sentido de uma fortaleza ou guarita de pedra, já que Heimdall é o guardião da ponte celeste Bilrǫst (Bifrǫst). É importante deixar claro que santuário aqui está no sentido de espaço sagrado *vé*, não sendo necessariamente um templo.

²⁰ Campo do Povo, Campo da Hoste. O nome é muito mais antigo que o próprio *Grímnismál* e diz respeito a uma função similar ao do deus Óðinn: receber os caídos em batalha na pós-morte. No *Gylfaginning* é dito que o salão de Freyja dentro de Fólkvangr se chama Sessrumnir que pode ser traduzido tanto como Espaço com Muitos Assentos, quanto como Assento Espaçoso. A tradução é dúbia mas curiosa: a primeira se refere aos assentos das embarcações escandinavas, uma provável alusão a atividade guerreira viking; a segunda está conectada a um espaço de recolhimento guerreiro.

hann ‘s gollu studdr ok silfri þakðr hit sama, en þar Forseti byggvir flestan dag ok svæfir allar sakar.	ele é estruturado em ouro e ainda o teto de prata, ali onde Forseti mora na maioria dos dias e finda todas as contendias.
16. Nóatún eru (hin elliptu), en þar Njǫrðr hefir sér of gǫrva Sali; manna þengill hinn meins vani hótimbruðum hǫrgi ræðr.	16. Nóatún ²² é o décimo primeiro, ali onde Njǫrðr tem para si um salão construído; governante dos homens o ausente de crime do elevado templo edificado comanda.
17. Hrísi vex ok hóu grasi Víðars land Viði, en þar mǫgr of læzk af mars baki frœkn at hefna fǫður.	17. Crescem a mata e a grama alta em Viði ²³ a terra de Víðarr, ali onde o jovem irá descer das costas do cavalo corajoso para vingar seu pai.
18. Andhrímnir lætr í Eldhrímnir Sæhrímnir soðinn, fleska bazt, en þat fáir vitu, við hvat Eǫnhęrjar alask.	18 ²⁴ . Andhrímnir ²⁵ faz em Eldhrímnir ²⁶ o cozido de Sæhrímnir ²⁷ , carne da melhor, mas disso poucos sabem, do que os Eǫnhęrjar ²⁸ se alimentam.
19. Gera ok Freka	19. Geri e Freki ²⁹

²¹ Brillhante ou Cintilante.

²² Enseada dos Barcos (provavelmente no sentido de Cais ou Ancoradouro). Nóatún está relacionado pode vir do Indo-Europeu **nāus-* (barco), *nór* no Nórdico Antigo, *nāu* no Indiano Antigo e *navis* no Latim, conectado a tún que no Nórdico Antigo pode ser traduzido como quintal ou vilarejo.

²³ Terra Arborizada. A estrofe faz referência a vingança de Víðarr que derrota o lobo Fenrir durante o Ragnarǫk, vingando Óðinn, o seu pai, como descrito na *Vǫluspá*.

²⁴ É possível que as estrofes dezoito a vinte sejam interpoladas ou que contenham versos interpolados.

²⁵ Face Fuliginosa, Exposto a Fuligem.

²⁶ Coberto de Fuligem Pelo Fogo, Enegrecido Pelo Fogo. Grande caldeirão utilizado por Andhrímnir.

²⁷ Termo de difícil tradução, sugere algum tipo de animal marinho enegrecido pela fuligem, porém alguns pesquisadores apontam que esse animal é um Javali mágico como descrito *Gylfaginning*, contradizendo a tradução.

²⁸ Guerreiros Solitários. Os guerreiros mortos em batalha são levados pelas Valquírias até o Valhǫll para ingressarem nas fileiras do deus Óðinn a fim de lutar no Ragnarǫk.

²⁹ Esfomeado e Faminto, Voraz e Guloso. Geri em *Fjǫlsvinnsmál* (Ditos de Fjǫlsvinnr) protege Hél no submundo e Freki na *Vǫluspá* é utilizado para designar o lobo Fenrir.

<p>sęðr gunntamiðr hróðigr Herjafęðr, ęn við vın ęitt vápngęfugr Óðinn ę lifir.</p>	<p>o habituado a batalha saciam o glorioso Herjafęðr³⁰, mas apenas de vinho o glorioso das armas Óðinn vive eternamente.</p>
<p>20. Huginn ok Muninn fljúga hverjan dag jęrmungrund yfir; óumk of Hugin, at aptr né komit; þó séumk meir of Munin.</p>	<p>20. Huginn e Muninn³¹ voam todo dia sobre a vastidão da terra; preocupo-me com Huginn, que não retorne; entretanto temo ainda mais por Muninn.</p>
<p>21. Þýtr þund, unir Þjóðvitnis fiskr flóði í; áarstraumr þykkir ofmikill valglaumi at vaða.</p>	<p>21. Þund³² ruge, alegre em Þjóðvitnir³³ no dilúvio está o peixe; a correnteza parece forte para a hoste dos mortos atravessar.</p>
<p>22. Valgrind heitir, es stęndr vęlli á heilęg fyr hęlgum durum; forn 's sú grind, ęn þat fáir vitu, hvę hon 's í lás of lokin.</p>	<p>22. Valgrind³⁴ é nomeada, situada na área que é sagrada perante as portas sagradas; antiga é essa porteira, mas disso poucos sabem, como ela é fortemente trancada.</p>
<p>23. Fimm hundruð dura ok umb fjórum tęgum, svá hygg á Valhęllu vesa; átta hundruð (Eįnhęrja) ganga ór ęinum durum, þás fara við vitni at vega.</p>	<p>23. Quinhentas portas e quarenta³⁵, aproximadamente, assim penso têm no Valhęll; oitocentos Eįnhęrjar saem de cada uma das portas, quando forem batalhar contra o lobo.</p>
<p>24. Fimm hundruð golfa</p>	<p>24³⁶. Quinhentos aposentos</p>

³⁰ Pai das Hostes, Óðinn.

³¹ Pensamento e Memória. São os corvos de Óðinn que voam todos os dias pelo mundo com a finalidade de mais tarde sussurrar notícias em seus ouvidos (sendo Hrafnagud, Deus Corvo, uma das alcunhas de Óðinn).

³² Bramidor. Rio defronte ao Valhęll.

³³ Lobo do Povo, Grande Lobo. Referência ao lobo Fenrir.

³⁴ Portão dos Mortos.

³⁵ Essa é a tradução usual, mas queremos lembrar que o termo *Hundrað* pode se referir a 100 (dez conjuntos de dez) ou 120 (doze conjuntos de dez, sendo aqui o que chamamos de Grande Centena). Por essa lógica ao invés de 500 mais 40, podemos entender que o Valhęll e Bilskirnir tenham 600 mais 40 portas e cômodos.

ok umb fjórum tögum svá hygg Bilskirni með bugum; ranna þeira, es reþt vitak, míns veitk mest magar.	e quarenta, aproximadamente, assim penso Bilskirnir ³⁷ em curvas; dessas casas, que eu sei serem cobertas, a do meu filho entendo como maior.
25. Heiðrún heitir (geit), es stendr hollu á ok bítr af Læraðs límum; skapker fylla hon skal hins skíra mjaðar, knáat sú veig vanask.	25. Heiðrún ³⁸ se chama a cabra, posicionada está em cima do salão e morde os ramos de Læraðr ³⁹ ; preencher um tonel ela deve do puro hidromel, essa bebida que não pode enfraquecer.
26. Eikþyrnir heitir (hjörtr), es stendr hollu á ok bítr af Læraðs limum, en af hans hornum drýpr í Hvergelmi þaðan eigu vötn öll vega.	26. Eikþyrnir ⁴⁰ se chama o cervo, posicionado está em cimado salão e morde os ramos de Læraðr, é dos chifres dele que gotas caem em Hvergelmir ⁴¹ de onde as águas afluem em todas as direções.
27. Síð ok Víð, Sækin ok Eikin, Svöl ok Gunnþró, Fjorm ok Fimbulþul, (Rín ok Rennandi) Gipul ok Gøpul, Gømul ok Geirvimul, þær hverfa of hodd goða.	27 ⁴² . Síð e Víð, Sækin e Eikin, Svöl e Gunnþró, Fjorm e Fimbulþul, Rín e Rennandi Gipul e Gøpul, Gømul e Geirvimul ⁴³ , esses circulam pelos lares dos deuses.

³⁶ É possível que essa estrofe contenha versos interpolados.

³⁷ Relâmpago. O nome é uma alusão à luz descarga elétrica Salão do deus Þórr localizado em Þrúðheimr.

³⁸ Ainda que o significado dessa palavra seja obscuro, *Heiðr* pode ser uma palavra relacionada ao hidromel utilizado em algum tipo de sacrifício.

³⁹ Palavra sem um sentido claro. Essa árvore é usualmente considerada como sendo o freixo Yggdrasil, já que essa é a única árvore cósmica da mitologia escandinava.

⁴⁰ Galhadas de Carvalho.

⁴¹ Caldeirão Borbulhante, manancial de onde as águas de todos os rios surgem. No *Gylfaginning* é usado para se referir tanto a uma fonte em Niflheimr, como uma fonte aos pés do freixo Yggdrasil.

⁴² É possível que as estrofes vinte e sete a trinta e seis sejam interpoladas ou que contenham versos interpolados.

⁴³ Catálogo de rios: Sereno, Largo, Empurrador, Furioso, Frio, Canal de Batalha, Apressado, Poderoso Orador (ou Poderoso Vento), Reno, Corrente, Fenda (ambos Gipul e Gøpul), Anciã e Borbulhante de Lanças.

<p>28. Þyn ok Vín, Þöll ok Höll, Gróð ok Gunnþorin, Vína heitir enn, qnnur Vegsvinn, þriðja Þjóðnuma. –</p>	<p>28. Þyn e Vín, Þöll e Höll, Gróð e Gunnþorin, um é chamado Vína, o outro Vegsvinn, Þjóðnuma⁴⁴ um terceiro.</p>
<p>29. Nyt ok Nqt, Nqnn ok Hrqn, Slíð ok Hríð, Sylgr ok Ylgr, Víð ok Vqn, Vqnd ok Strqnd, Gjöll ok Leiptr, falla gumnum nær (en falla til Hełjar heðan). –</p>	<p>29. Nyt e Nqt, Nqnn e Hrqn, Slíð e Hríð, Sylgr e Ylgr, Víð e Vqn, Vqnd e Strqnd, Gjöll e Leiptr⁴⁵, caem próximo aos homens (mas daqui caem até Heł).</p>
<p>30. Kqrmt ok Ormt ok Kęrlaugar tvær, þær skal Þórr vaða dag hverjan, es hann dęma fęrr at aski Yggdrasils. (þvíat ásbrú brinnr qll loga, hełog vqtn hlóa).</p>	<p>30. Kqrmt e Ormt e os dois Kęrlaugar⁴⁶, esses Þórr deve percorrer todo dia, quando ele vai à assembleia no freixo Yggdrasill. Pois a ponte dos Æsir arde toda em chamas, borbulha a água sagrada.</p>
<p>31. Glaðr ok Gyllir, Glær ok Skeiðbrimir, Silfrintoppr ok Sinir, Gísl ok Falhófnir, Gulltoppr ok Léttfeti, þeim ríða æsir jóum. (dag hvern, es þęir dęma fara</p>	<p>31. Glaðr e Gyllir, Glær e Skeiðbrimir, Silfrintoppr e Sinir, Gísl e Falhófnir, Gulltoppr e Léttfeti⁴⁷, os Æsir montam esses cavalos. Todo dia, quando eles vão à assembleia</p>

⁴⁴ Continuação do catálogo de rios: Ribombante, Vin e Þöll não possuem uma tradução clara, Traçoeiro, Ganancioso (ou Maléfico), Ansioso Pela Batalha, Duína, Viajante e Devorador de Pessoas.

⁴⁵ Continuação do catálogo de rios: Útil, Perfurante (sensação de frio extremo), Forte, Onda, Afiado (descrito na *Vqlustþq* como cheio de adagas e espadas), Tormenta, Devorador, Loba, Largo (repetido?), Esperança, Dificultoso, Praia, Estrondo (no *Gylfaginning* é um rio que faz fronteira com Hełheimr) e Raio.

⁴⁶ Continuação do catálogo de rios: Protetor, Dividido em Braços e Banhos em Cubas. Kqrmt provavelmente é um rio que hoje se chama Karmøy e que fica entre Stavanger e Haugesund na Noruega.

⁴⁷ Catálogo de cavalos: Contente, Dourado, Leve, Notável na Disputa (ou Bufante na Corrida), Crina de Prata, Musculoso, Brilhante, Cascos Escondidos (através da pelagem do animal), Crina de Ouro e Veloz.

at aski Yggdrasils). –	no freixo Yggdrasill ⁴⁸ .
32. Þrjár røtr standa á þrjá vega undan aski Yggdrasils; Hæl býr und einni, annarri hrímþursar, þriðju męnskir męnn. –	32. Três raízes ficam em três direções debaixo do freixo Yggdrasill; Hæl vive embaixo de uma, os gigantes de gelo em outra, os seres humanos em uma terceira.
33. Ratatoskr heitir (íkorni), es rinna skal at aski Yggdrasils, arnar orð hann skal ofan bera ok segja Níðhoggi níðr. –	33. Ratatoskr ⁴⁹ se chama o esquilo, este deve correr no freixo Yggdrasill, a palavra da águia ele deve carregar de cima e contar a Níðhoggr ⁵⁰ embaixo.
34. Hirtir eru ok fjórir, þeirs af hæfingar gaghalsir gnaga; Dáinn ok Dvalinn, Duneyrr ok Duraprór. –	34. São quatro cervos, em brotos novos aqueles roem com pescoços abaixados; Dáinn e Dvalinn, Duneyrr e Duraprór ⁵¹ .
35. Ormar fleiri liggja und aski Yggdrasils, an þat of hyggi hvęrr (ósviðra apa), Góinn ok Móinn eru Grafvitnis synir (Grábakr ok Grafvölluðr) Ófnir ok Sváfnir hygg at æ skyli meiðs kvistu má a. –	35. Mais serpentes repousam debaixo do freixo Yggdrasill, do que podem pensar cada parvo imbecil Góinn e Móinn são filhos de Grafvitnir Grábakr e Grafvölluðr Ófnir e Sváfnir ⁵² acredito que sempre vão poder destruir galhos.
36. Askr Yggdrasils drýgir erfíði meira an męnn viti, hjørtr bítr ofan, ęn á hliðu fúnar, skęrðir Níðhoggr neðan. –	36. O freixo Yggdrasil sofre com problemas maiores que os homens sabem, o cervo morde de cima, e apodrece o flanco, por debaixo Níðhoggr a encurta.

⁴⁸ Cavalo de Yggr, sendo Yggr um dos muitos nomes de Óðinn.

⁴⁹ Dente Roedor.

⁵⁰ Golpeador Colérico.

⁵¹ Catálogo de cervos: Morto, Adormecido, Orelhas Macias (ou Orelhas Marrons) e Javali Sonolento (na verdade o termo é obscuro).

⁵² Catálogo de serpentes: Góinn e Móinn não possuem tradução clara, Lobo Picador, Dorso Cinza, Picador do Campo, Enroscador e Portador do Sono (provavelmente a morte).

<p>37. Hrist ok Mist vilk at mér horn beri, Skæggiöld ok Skögul, Hildir ok Þrúðr, Hlökk ok Herfjotur, Göll ok Geirǫnul Randgríðr ok Ráðgríðr ok Reginleif, þær bera Eijnerjum ǫl.</p>	<p>37. Hrist e Mist eu desejo que tragam o chifre para mim, Skæggiöld e Skögul, Hildir e Þrúðr, Hlökk e Herfjotur, Göll e Geirǫnul Randgríðr e Ráðgríðr e Reginleif⁵³, essas trazem cerveja para os Eijnerjar.</p>
<p>38. Árvakr ok Alsviðr skulu upp heðan svangir sól draga, en und þeira bógum fölu blíð rugin æsir ísarnkol.</p>	<p>38. Árvakr e Alsviðr⁵⁴ daqui para o alto devem fustigados puxar Sól, mas sobre os ombros deles depositaram, os gentis deuses Æsir, o ferro frio.</p>
<p>39. Svalinn heitir, hann stendr sólu fyrir, skjöldr skínanda goði; björg ok brim veitk at brinna skulu, ef hann fellr í frá.</p>	<p>39. Svalinn⁵⁵ se chama, ele que fica antes de Sól, escudo da resplandecente divindade; os penhascos e o oceano eu sei que devem queimar, se ele cair dali.</p>
<p>40. Skoll heitir ulfr, es fylgir hinu skírleita goði til varna viðar, en annarr Hati, hann 's Hróðvitnis sonr, sá skal fyr heiða brúði himins. –</p>	<p>40. Skoll⁵⁶ se chama o lobo, este que persegue a de face brilhante deidade até a proteção da floresta, o outro é Hati⁵⁷, ele é filho de Hróðvitnir⁵⁸, esse deve alcançar a cintilante noiva do céu.</p>
<p>41. Ór Ymis holdi vas jǫrð of skǫpuð, en ór sveita sær,</p>	<p>41. Da carne de Ymir foi a terra criada, e o oceano do sangue,</p>

⁵³ Catálogo de Valquírias: Estremecedora, Bruma, Era do Machado, Batalha (ou Estremecedora), Guerreira (ou Batalha), Poder, Corrente (ou Barulho), Grilhão da Hoste (ou Grilhão da Guerra), Tumulto (ou Batalha), Investida de Lança, Trégua do Escudo (ainda: Destruidora de Escudo ou Violência do Escudo), Conselho da Trégua, Marca de Poder.

⁵⁴ Nome de dois cavalos: Desperto Cedo e Muito Rápido.

⁵⁵ Gelado.

⁵⁶ Zombaria.

⁵⁷ Desprezo.

⁵⁸ Lobo Famoso (Lobo Poderoso). Na *Lokasenna* (Desavença de Loki) é desse nome que o lobo Fenrir é chamado.

björg ór beinum, baðmr ór hári, en ór hausi himinn.	penhascos dos ossos, a floresta do cabelo, e o céu do crânio.
42. Eñ ór hans bróum gerðu blíð regin Miðgarð manna sonum, en ór hans heila vǫru þau hin harðmóðgu ský ǫll of skǫpuð. –	42. E dos cílios dele fizeram os gentis deuses Miðgarðr ⁵⁹ para os filhos dos homens, e do cérebro dele foram as perniciosas nuvens todas criadas.
43. Ullar hylli hefr ok allra goða hvęrr ‘s tękr fyrstr á funa, opnir heimar verða of ása sonum, þás hefja af hvera.	43. O favor de Ullr e de todos os deuses terá quem for o primeiro a atingir a chama, transparentes os mundos se tornarão para os filhos dos Æsir, quando suspenderem os caldeirões.
44. Ívalda synir gingu í árdaga Skíðblaðni at skapa, skipa bazt skírum Frey, nýtum Njarðar bur. –	44 ⁶⁰ . Os filhos de Ívaldi deram outrora forma a Skíðblaðnir, o melhor dos barcos ao resplandecente Freyr, o valioso filho de Njǫrðr.
45. Askr Yggdrasils, hann ‘s æztr við, en Skíðblaðnir skipa, Óðinn ása, en jóa Sleipnir, Bilrǫst brúa. (en Bragi skalda, Hábrók hauka, en hunda Garmr).	45. O freixo Yggdrasill, é ele entre as árvores o mais sublime, e Skíðblaðnir entre os barcos, Óðinn entre os Æsir, e Sleipnir entre os cavalos, Bilrǫst entre as pontes. E Bragi ⁶¹ entre os escaldos, Hábrók ⁶² entre as águias, e Garmr entre os cães.
46. Svipum hefk nú ypt fyr sigtíva sonum, við þat skal vilbjörg vaka, ǫllum ǫsum þat skal inn koma	46. Agora eu levantei a face perante os filhos dos deuses, dessa maneira o resgate desejado devo despertar, de todos os Æsir que deverão chegar

⁵⁹ Terra Média (Moradia no Meio).

⁶⁰ É possível que essa estrofe contenha versos interpolados.

⁶¹ Bragi Boddason, o Velho; poeta escáldico mais antigo de que temos notícia e que viveu durante boa parte do século IX.

⁶² Calças Altas.

Ægis þekki á (Ægis drekku at).	aos assentos de Ægir libando em Ægir.
47. Hétumk Grímr, hétumk Gangleri, Hęrjan ok Hjalmbęri, Þękk ok Þriði, Þundr ok Uðr, Hęrblindi ok Hóarr.	47. Grímr eu me chamo, Gangleri eu me chamo, Hęrjan e Hjalmbęri, Þękk e Þriði, Þundr e Uðr Hęrblindi e Hóarr ⁶³ .
48. Saðr ok Svipall ok Sanngetall, Hęrteitr ok Hnikarr, Bileygr, Báleygr, Bqlverkr, Fjqlnir, Grímr ok Grímnir, Glapsviðr ok Fjqlsviðr, Síðhqttr, Síðskeggr, Sigfðr, Hnikuðr, Alfðr, Valfðr, Atríðr ok Farmatýr ęinu nafni hétumk aldrięi, síz með folkum fórk.	48. Saðr, Svipall e Sanngetall, Hęrteitr e Hnikarr, Bileygr, Báleygr, Bqlverkr, Fjqlnir, Grímr e Grímnir, Glapsviðr e Fjqlsviðr, Síðhqttr, Síðskeggr, Sigfðr, Hnikuðr, Alfðr, Valfðr, Atríðr e Farmatýr ⁶⁴ de um único nome eu nunca me chamei, desde que eu andei entre os homens.
49. Grímnir mik hétu at Geirroðar, ęn Jalk at Ásmundar, ęn þá Kjalar, es kjalka drók, Þrór þingum at. (Óski ok Ómi, Jafnhár ok Biflindi, Gqndlir ok Hárbarðr með goðum).	49. Grímnir me chamam em Geirroðr, e Jalk em Ásmundar, e de Kjalar, quando puxei o trenó, Þrór nas assembleias. Óski e Ómi, Jafnhár e Biflindi, Gqndlir e Hárbarðr ⁶⁵ entre os deuses.

⁶³ Catálogo de nomes odínicos: Máscara, Andarilho, Líder (no sentido guerreiro), Portador do Elmo, Benquistoso (talentoso), Terceiro, Incentivador (Trovejante), Amado, Cegador de Hostes, Alto.

⁶⁴ Continuação do catálogo de nomes odínicos: Verdadeiro, Mutável, Orador da Verdade, Alegre na Guerra, Instigador (talvez no sentido de tirar alguém do poder), Má Visão, Olhos em Chamas (Olhos Lépidos), Malfeitor, Ocultador (Muito Sábio), Máscara, Mascarado, Sedutor, Muito Sábio, Chapéu Longo (Chapéu Abaixado), Barba Longa, Pai da Vitória, Instigador, Pai de Todos, Pai dos Mortos, Cavaleiro, Týr do Carga (Senhor do Carga).

⁶⁵ Continuação do catálogo de nomes odínicos: Mascarado, Condutor do Trenó, Próspero, Realizador de Desejos, Altíssimo (Barulhento), Tão Alto Quanto, Com Escudo Pintado, Portador de Vara (Feiticeiro), Barba Cinzenta.

<p>50. Sviðurr ok Sviðrir hétk at Sökkmímis, ok dulðak hinn aldna jötun, þás Miðvitnis vask hins mæra burar orðinn einbani.</p>	<p>50. Sviðurr e Sviðrir⁶⁶ me chamei em Sökkmímir⁶⁷, e ludibriei o ancião gigante, quando de Miðvitnir⁶⁸ fui do seu enaltecido filho o único assassino.</p>
<p>51. Oḷr est Geirrøðr, hefr þú of drukkit ----- miklu est hnugginn, es þú est mínu gengi, allra Eīnherja ok Óðins.</p>	<p>51. Bêbado estais Geirrøðr, tens bebido demais ----- de muito estais privado, tu estais da minha proteção, de Óðinn e de todos os Eīnherjar.</p>
<p>52. Fjöld þér sagðak, en þú fátt of mant, of þik véla vinir; mæki liggja sék míns vinar allan í dreýra drifinn.</p>	<p>52. Para ti muito falei, mas tu de pouco recordas, contra ti os amigos insidiam; a espada prostrada de meu amigo vejo toda banhada em sangue.</p>
<p>53. Eggmóðan val nú mun Yggr hafa þitt veytk líf of liðit; úfar ro dísir, nú knátt Óðin séa; nálgask mik ef þú megir.</p>	<p>53. O morto pela espada agora Yggr⁶⁹ deve ter sei que tua vida se encerra; colérica estão as Dísir⁷⁰, agora podes ver Óðinn; aproxime-se de mim se você puder.</p>
<p>54. Óðinn nú heitik, Yggr áðan hétk, hétumk þundr fyr þat, (Vakr ok Skilfingr, Vófuðr ok Hroptatýr Gautr ok Jalkr með goðum) Ófnir ok Sváfnir</p>	<p>54. Óðinn agora me chamo, Yggr era anteriormente chamado, Þundr fui antes disso chamado, Vakr e Skilfingr, Vófuðr e Hroptatýr Gautr e Jalkr entre os deuses Ófnir e Sváfnir⁷¹</p>

⁶⁶ Continuação do catálogo de nomes odínicos: Deus da Lança (ambos Sviðurr e Sviðrir).

⁶⁷ Mímir Guerreiro ou Mímir, o Profundo.

⁶⁸ Nome obscuro, pois a estrofe não descreve nenhuma passagem mitológica conhecida por nós (a não ser a menção ao nome de Mímir, aqui descrito como gigante). É possível que Miðvitnir signifique Lobo do Meio, Lobo do Mar ou Ladrão de Hidromel (uma corruptela, talvez, de Mjǫð-vitnir).

⁶⁹ Continuação do catálogo de nomes odínicos: Terrível.

⁷⁰ O termo Dísir se refere a um tipo específico e pouco compreendido nos estudos modernos de espíritos tutelares femininos, característicos de certos indivíduos e comunidades.

hygg at orðnir sé allir at einum mér.	acredito que são nomes todos apenas sobre mim.
--	---

Geirrøðr konungr sat ok hafði sverð um kné sér ok brugðit til miðs. En er hann heyrði, at Óðinn var þar kominn, þá stóð hann upp ok vildi taka Óðin frá eldinum. Sverðit slapp ór hendi hánnum ok vissu hjóltin niðr. Konungr drap fæti ok steypðisk áfram, en sverdit stóð í gognum hann ok fekk hann bana, Óðinn hvarf þá, en Agnarr var þar konungr lengi síðan.

O rei Geirrøðr sentou e tinha a espada em seus joelhos, desembainhada pela metade. Mas, quando ele ouviu que Óðinn havia chegado, ele se levantou e tentou retirar Óðinn do fogo. A espada escorregou de sua mão com o cabo voltado para baixo. O rei tropeçou e precipitou-se a frente, e a espada passou através dele e ele encontrou a morte, Óðinn então desapareceu, mas Agnarr ali foi rei depois por muito tempo.

Posfácio

Como pode ser observado, poucos são os versos que nos remete a narrativa inicial e ao colofão: ainda disfarçado Óðinn agradece pela ajuda oferecida por Ágnarr e lhe prevê fortuna (realeza) nas três primeiras estrofes e nas últimas quatro, quando finalmente revela sua identidade. É possível que o verso quarenta e dois também esteja conectado com a narrativa em prosa, já que mostra uma conexão com o tormento pelo qual o deus passa. O tormento ligado a obtenção ou a revelação de segredos místicos não é exclusivo deste poema, nos versos de *Völuspá* e *Hávamál*, o auto-sacrifício de Óðinn em busca de conhecimento é apontado não só pela perda da visão de um dos olhos e pelo seu enforcamento na árvore cósmica Yggdrasil, mas também pela privação de comida e bebida.

Da estrofe quatro à dezessete são narradas as moradias dos deuses e seus salões. A descrição do Valhöll é iniciada nos versos da nona estrofe e continua até a vigésima sexta e é a melhor descrição desse espaço encontrado nas fontes poéticas da mitologia nórdica: o teto do salão é de escudos e sustentados por lanças, com bancos cobertos por armaduras, onde os mortos (Eiñherjar) são servidos da carne de Sæhrímnir e bebem do hidromel que sai da cabra Heiðrún (que fica acima do salão junto de Eikþyrnir), enquanto Óðinn apenas bebe vinho e alimenta seus lobos,

⁷¹ Terrível, Incentivador (Trovejante), Desperto, Sacudidor (O Que Vive Nas Montanhas), Vento (em relação com seu próprio enforcamento, ou Andarilho), Senhor dos Oradores (tradução problemática, ver nota 14), Godo, Castrado, Enroscador e Portador do Sono (provavelmente a morte).

Geri e Freki. Do lado de fora um lobo vigia e uma águia sobrevoa a região. Um dos portões de acesso é Valgrind, talvez por onde os mortos entram, os mesmos que segundo o *Vaffbrúðnismǫl* lutam de dia para ao anoitecer voltarem a beber entre eles. Durante o Ragnarǫk, o crepúsculo dos deuses, esses guerreiros irão sair pelas diversas portas do salão para combater as forças inimigas dos deuses.

Entre os versos das estrofes vinte e sete, e trinta, o poema apresenta um catálogo de rios mitológicos (ainda que entre eles figurem rios verdadeiros, Reno, Karmöy e Duína). Da estrofe trinta e um à trinta e seis, são descritos vários elementos em torno do freixo cósmico, Yggdrasil, incluindo um catálogo de cervos e um outro catálogo de serpentes, estrofes trinta e quatro, e trinta e cinco, respectivamente. Nos próximos versos são narrados os nomes das Valquírias em um catálogo à parte. Entre as estrofes trinta e oito, e quarenta e dois, o conteúdo do poema gravita em torno de questões cosmológicas: a deusa Sól é conduzida pelos seus cavalos Árvakr e Alsviðr, a fuga dos lobos representam aqui o ciclo de início e fim de cada dia; dos restos mortais de Ymir, os deuses estruturam Miðgarðr, os oceanos, montanhas, florestas, céu e nuvens. Essas descrições são interrompidas apenas para a exposição das coisas boas, o que há de mais exemplar entre as árvores, barcos, deuses (Æsir), cavalos, pontes, poetas, águias e cães, categorias sempre valorizadas nas diversas narrativas mitológicas da cultura nórdica.

Eis que somos apresentados ao momento da epifania: no dramático final catártico, Óðinn se revela aos Æsir (talvez um pedido de resgate aos outros deuses?) e elenca seus vários nomes, finalmente se revelando e predizendo a morte do rei Geirrǫðr. Esses são os versos que voltam a ter alguma relação com a narrativa em prosa, que por sua vez conclui a obra.

O conteúdo e a estrutura do *Grímnismǫl* foram amplamente discutidos pelos escandinavistas: os pesquisadores mais antigos, entre eles Karl Müllenhoff, R. C. Boer, Felix Genzmer e Jan de Vries visualizaram o conteúdo em prosa e os poucos versos relacionados a ele como o corpo antigo desse material, sendo o restante dos versos interpretados como adições tardias e geralmente ignorados pelo seu caráter educativo. O tema da predileção de certos personagens por Óðinn e Frigg é encontrado em *Origo gentis Langobardorum* (Origem dos Povos Lombardos) e na *Historia Langobardorum* (História dos Lombardos) de Paulo, o Diácono, dos séculos VII e VIII, respectivamente. Há ainda semelhanças a ser encontradas em outras produções da cultura escandinava medieval, o tema do fratricídio a fim de se tornar rei é encontrado na *Hervarar saga ok Heiðreks* (Saga de Hervör e Heiðrekr); a concepção da obra como uma unidade (oposta a escrita no parágrafo anterior), já havia sido apontada por Magnus Olsen e A. G. van Hamel na década de 30, portanto contemporânea a ideia anterior, sustentando-se no entendimento de que o caráter educativo do poema é típico das produções do fim do século X, o fim do paganismo e o suplício do deus Óðinn como um rito para a aquisição de conhecimento, similar a práticas xamânicas de mesmo fim. Jere Fleck interpretou o poema dentro do contexto da Sacralidade Régia, onde Óðinn teria papel

predominante nesse processo. Na década de 70 Bo Ralph inverteu a ideia do primeiro grupo de pensadores, mostrando a possibilidade de que o conteúdo em prosa e os versos ligados a ela formam o conteúdo tardio e que os versos outrora ignorados formam na verdade uma estrutura coesa⁷².

É impossível nos alongarmos na quantificação ou na menção das diversas possibilidades interpretativas acerca dos versos e da prosa do *Grímnismǫl* sem que nosso propósito principal, o da tradução, seja desviado. Aqui estão contidos vários elementos da mitologia nórdica que podem ser visitadas por qualquer estudioso ou simples curioso: o auto-sacrifício do deus Óðinn, as moradias de vários deuses (e a menção de suas qualidades), descrição do Valhøll, das Valquírias, entre outros, como já explicado anteriormente. Porém há um tema em particular que utilizou o *Grímnismǫl* em exaustão e merece ser mencionado com destaque. Nos séculos XIX e XX, os curiosos esquemas zodiacais⁷³ foram pensados em torno das moradias dos deuses⁷⁴, um assunto fascinante que intercepta uma recepção moderna dessa obra e que vem sendo pouco discutido pelos pesquisadores.

Em seu *Den Ældre Edda* o islandês Finn Magnússen considerou ser os versos do *Grímnismǫl* uma alusão direta aos doze signos zodiacais. Sob influência direta da obra *Symbolik und Mythologie* de Friedrich Creuzer, o autor trabalhou dentro de duas perspectivas gerais: 1) mitologia comparada, cruzando informações sobre os panteões de sociedades greco-romanas com orientais (hindus, chinesas, egípcias, etc.); 2) interpretações naturalistas e românticas. Magnússen tratou essencialmente o mito como personificação de um símbolo provindo essencialmente dos fenômenos naturais (incluindo aqui fenômenos celestes e planetas). Ficou estabelecido que Óðinn situa-se no zênite, pois poderia observar dali todos os outros mundos e cada moradia dos outros deuses corresponde a uma casa solar. Essa teoria possui vários problemas de ordem anacrônica e astronômica que vão desde a má interpretação do

⁷² Esse breve levantamento foi discutido por Rudolf Simek em Simek, 2007: 118-119.

⁷³ Seguimos a referência de zodíaco utilizada pelo pesquisador Johnni Langer (Langer, 2013a), sendo uma construção cultural determinada pelo movimento do sol e dos planetas em uma faixa denominada eclíptica, sendo esta a trajetória do sol entre as estrelas. Ainda mais: “inicialmente os povos mesopotâmicos organizavam suas constelações em dois sistemas, um zodiacal – relacionado à agricultura, e outro equatorial – utilizado para a navegação. O zodíaco foi também utilizado como demarcador de estações, pois tinha relação direta com a agricultura” (Langer, 2013a: 03). É salutar deixarmos claro que apesar de várias sociedades desenvolverem um complexo conhecimento astronômico, de registros dos fenômenos celestes, a construção de monumentos alinhados com diferentes posicionamentos solares (solstícios e equinócios), isso não necessariamente leva uma cultura em particular a construir seu sistema zodiacal, a exemplo de culturas ibéricas e celtas, cujas alegações desse tipo de construção por parte de cronistas latinos pode ser visto na verdade como uma *interpretatio romana*.

⁷⁴ Johnni Langer produziu dois trabalhos recentes sobre Etnoastronomia com temática escandinava, sendo eles “O Zodíaco Viking: reflexões sobre etnoastronomia e mitologia escandinava” (2013a) e “Os Céus dos Vikings: uma interpretação etnoastronômica da pedra rúnica de Ockelbo (GS 19)” (2013b).

poema à ausência de constelações provenientes de um posicionamento celeste alheio ao céu setentrional (Langer, 2013a: 07-09)⁷⁵.

As ideias de Finn Magnússen floresceram em um momento ávido pela construção dos passados românticos de motivações nacionalistas, na Escandinávia esse momento foi impulsionado, sem dúvida, pelo bombardeamento de Copenhague em 1807 pelos britânicos. No caso dos estudos comparativos, a suposição e construção de um sistema zodiacal em oposição ao greco-romano poderiam sugerir um progresso dentro dos valores civilizatórios do século XIX. Esaias Tegner cita essas ideias (sem dar crédito a Magnússen), transportando a construção zodiacal do mundo contemporâneo para o medievo através dos escaldos de seu épico; o antiquário Bror Emil Hildebrand aprofundou o modelo utilizando seu conhecimento sobre folclore, arqueologia e runologia, estabelecendo uma conexão com os antigos godos descritos em Jordanes (séc. VI). Esse modelo zodiacal prosseguiu sendo citado ou debatido por todo o século XIX, encontrando algumas críticas ainda na metade do mesmo século.

Durante a década de setenta do século XX o modelo zodiacal encontrou novo fôlego por parte de pesquisadores independentes, a exemplo de Einar Pálsson que em seu *Rammislagur* faz novamente uma associação com o *Grimnismǫl*. O médico islandês Björn Jónsson prossegue com o tema zodiacal, ainda que diferente daquele recorrente do século anterior, em seu *Star myth of the Vikings: a new concept of norse mythology*, uma das raras obras voltadas para o estudo da Astronomia na Escandinávia medieval, mas que possui diversas fragilidades em suas cartas celestes: erros e envolvendo certas constelações que não são visíveis na Escandinávia e a reconstituição arbitrária de outras constelações, além do abandono de diversos mitos celestes que poderiam ser citados na obra, a exemplo do mito envolvendo o gigante Þjazi (Langer, 2013a: 17-23).

O assunto apesar de interessante ocupa pouco espaço na agenda dos escandinavistas. Nos séculos passados o tema esteve intimamente ligado a criação de um passado nacional, passado esse momento de valorização do pensamento romântico o tema é divulgado particularmente nas redes sociais da internet, promovidos por interesses místico e esotérico sem quaisquer discussões críticas.

Esperamos ter oferecido um estímulo não só para os pesquisadores que queiram se dedicar a área de escandinavística medieval, mas também para os leitores comuns, que possam encontrar uma tradução de qualidade que sacie em parte a sua

⁷⁵ Finn Magnússen não foi o primeiro a pensar um esquema zodiacal envolvendo símbolos da cultura pré-cristã, no século XVII o astrônomo alemão Julius Schiller publicou seu atlas *Coelum Stellatum Christianum*, onde identifica os signos do zodíaco com os apóstolos de Cristo, uma identificação herdada sem dúvida do medievo onde com frequência ocorria a convivência dos símbolos pagãos com os cristãos (Langer, 2013a: 09).

curiosidade sobre a mitologia escandinava, ainda tão pouco explorada em nossa língua.

Referências

Fontes

Bellows, H. A. (1923). *The Poetic Edda*. Nova York: The American-Scandinavian Foundation.

Grímnismál. In: Jónsson, F. (1932). *De Gamle Eddadigte* (pp. 63-73). Copenhagen: G. E. C. Gads Forlag.

Grímnismál. In: Jónsson, G. (1954). *Eddukvæði Úr Konungsbók*. Akureyri: Íslendingasagnauðgáfan. Disponível em <http://heimskringla.no/wiki/Gr%C3%ADmism%C3%A1l>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

Hollander, L. M (2008). *The Poetic Edda*. Austin: University of Texas Press.

Larrington, C. (1999). *The Poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press.

Lerate, L. (2009). *Edda Mayor*. Madri: Alianza Literaria.

Bibliografia

Barnes, M. (2008). *A New Introduction to Old Norse*, Part I: grammar. Exeter: Short Run Press.

Cleasby, R.; Vigfusson, G. (1874). *An Icelandic-English Dictionary*. Disponível em: http://lexicon.ff.cuni.cz/texts/oi_cleasbyvigfusson_about.html>. Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

Egilsson, S. (1913-1916). *Lexicon Poeticum – antiquæ linguæ septentrionalis*, Vol. I. Copenhagen: S. L. Møllers Bogtrykkeri.

Egilsson, S.; Jónsson, F. (1931). *Lexicon Poeticum – antiquæ linguæ septentrionalis*, Vol. II. Copenhagen: S. L. Møllers Bogtrykkeri.

Harris, J. (2005). Eddic Poetry. In: Clover, C. J.; Lindow, J. (eds.). *Old Norse-Icelandic Literature: a critical guide* (pp. 68-156). Toronto: University of Toronto Press.

Langer, J. (2013a). O Zodíaco Viking: reflexões sobre etnoastronomia e mitologia escandinava, *História, Imagem e Narrativas*, 16, 01-32. Disponível em:

<www.historiaimagem.com.br/edicao16abril2013/zodicoviking.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2014.

Langer, J. (2013b). Os Céus dos Vikings: uma interpretação etnoastronômica da pedra rúnica de Ockelbo (GS 19), *Domínios da Imagem*, 12, 97-112. Disponível em: <www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/212/128>. Acesso em 25 de maio de 2014.

Lindow, J. (2001). *Norse Mythology: a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. Oxford: Oxford University Press.

Poole, R. (2005). Metre and Metrics. In: Mcturk, R. (ed.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature* (pp. 265-284). Padstow: Blackwell Publishing.

Simek, R. (2007). *Dictionary of Northern Mythology*. Cambridge: D. S. Brewer.

Thorpe, B. (2004). *The Poetic Edda*. Lapeer: The Northvegr Foundation Press.

Zoëga, G. T. (2004). *A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Toronto: University of Toronto Press.

Recebido: 24 de julho de 2014
Aprovado: 15 de fevereiro de 2015